

NARRATIVAS URBANAS DESCENTRALIZADAS: LITERATURA E DISPUTAS CULTURAIS

Manoela Massuchetto Jazar

Pontifícia Universidade Católica do Paraná | manaelamj.arq@gmail.com

Sessão Temática IX: Cidade, História e Cultura em disputa

Resumo: O artigo explora a interação entre literatura e estudos urbanos, mostrando como as narrativas literárias refletem e influenciam percepções urbanas, especialmente sob uma ótica decolonial no Sul Global. Analisando obras como "Os Sertões" de Euclides da Cunha (1902) e "O Quinze" de Rachel de Queiroz (1930), o texto destaca como essas literaturas alimentam o debate sobre estruturas coloniais persistentes e embasam reinterpretações críticas das cidades. As obras são usadas para ilustrar como fontes apócrifas — neste caso, as narrativas literárias — podem ser um espaço de resistência e crítica social, contestando visões simplificadas da realidade urbana e elevando vozes marginalizadas. O estudo argumenta que as cidades na literatura são mais do que cenários simplesmente; elas são entidades ativas que influenciam a narrativa e ampliam a compreensão das dinâmicas urbanas. Este enfoque sugere a necessidade de abordagens de estudos urbanos mais sensíveis às nuances culturais e históricas.

Palavras-chave: Cidade e Literatura; Resistência Cultural; Decolonialidade; Literatura Engajada; História Cultural Urbana.

DECENTRALIZED URBAN NARRATIVES: LITERATURE AND CULTURAL DISPUTES

Abstract: *The article explores the interaction between literature and urban studies, showing how literary narratives reflect and influence urban perceptions, especially from a decolonial perspective in the Global South. Analyzing works such as 'Os Sertões' by Euclides da Cunha (1902) and 'O Quinze' by Rachel de Queiroz (1930), the text highlights how these literatures fuel the debate on persistent colonial structures and underpin critical reinterpretations of cities. The works are used to illustrate how apocryphal sources—in this case, literary narratives—can be a space for resistance and social critique, challenging simplified views of urban reality and elevating marginalized voices. The study argues that cities in literature are more than merely settings; they are active entities that influence the narrative and expand the understanding of urban dynamics. This approach suggests the need for urban studies approaches that are more sensitive to cultural and historical nuances.*

Keywords: *City and Literature; Cultural Resistance; Decoloniality; Literature of Commitment; Urban Cultural History.*

NARRATIVAS URBANAS DESCENTRALIZADAS: LITERATURA Y DISPUTAS CULTURALES

Resumen: *El artículo explora la interacción entre la literatura y los estudios urbanos, mostrando cómo las narrativas literarias reflejan e influyen en las percepciones urbanas, especialmente desde una perspectiva decolonial en el Sur Global. Analizando obras como 'Os Sertões' de Euclides da Cunha (1902) y 'O Quinze' de Rachel de Queiroz (1930), el texto destaca cómo estas literaturas alimentan el debate sobre estructuras coloniales persistentes y fundamentan reinterpretaciones críticas de las ciudades. Las obras se utilizan para ilustrar cómo las fuentes apócrifas — en este caso, las narrativas literarias — pueden ser un espacio de resistencia y crítica social, desafiando visiones simplificadas de la realidad urbana y elevando voces marginadas. El estudio argumenta que las ciudades en la literatura son más que meros escenarios; son entidades activas que influyen en la narrativa y amplían la comprensión de las dinámicas urbanas. Este enfoque sugiere la necesidad de abordajes en estudios urbanos más sensibles a las sutilezas culturales e históricas.*

Palabras clave: *Ciudad y Literatura; Resistencia Cultural; Decolonialidad; Literatura Comprometida; Historia Cultural Urbana.*

INTRODUÇÃO

Desde as suas origens, a literatura tem servido como um espelho das sociedades e dos contextos nos quais ela é produzida. Na interseção entre literatura e urbanismo, as cidades se colocam não apenas como cenários físicos, mas como entidades vivas, cujas camadas de subjetividade podem — também — ser desvendadas por meio da narrativa literária. Este artigo explora como a literatura reflete e influencia a percepção sobre as cidades, estabelecendo um diálogo entre a representação textual e o espaço urbano real.

Ao longo do século XX, esse relacionamento tornou-se especialmente significativo, pois a transformação das estruturas urbanas e o crescimento demográfico modificaram radicalmente o cenário humano, fazendo com que as cidades se tornassem lócus primário da experiência contemporânea. A arte e a literatura se consolidam como reflexos de um contexto influenciado pelo crescimento urbano e pelo advento do automóvel, até então, símbolo máximo da sociedade moderna.

Para a literatura, a cidade é paisagem inevitável, elemento de atração e de repúdio, de utopia e distopias. Essa é uma relação que se evidenciou no modelo utópico da cidade modernista e persistiu na desesperança do período pós-moderno. Mesmo em momentos em que o modelo único de cidade ideal perde o sentido, a literatura resiste a ter a cidade como seu cenário de narrativas prioritário. As mudanças que aí ocorrem são de fato um interesse literário singular. “[...] a cidade [...] foi pensada como lugar e objeto dessa mudança e seria resultado de um ideal de perfeição e do desenvolvimento tecnológico” (Gomes, 1999, p. 26).

Essa perspectiva abre espaço para uma abordagem mais descentralizada e crítica. As cidades do Sul Global, frequentemente interpretadas apenas sob o prisma da carência e do conflito, também emergem como territórios de resistência cultural e histórica. Inspirados pela teoria da "colonialidade do poder" de Aníbal Quijano (2005), reconhecemos que a literatura no Sul Global oferece uma perspectiva crítica capaz de auxiliar no debate sobre as continuidades das estruturas coloniais na configuração das cidades modernas. Com efeito, Quijano (2005) argumenta que o colonialismo impôs uma divisão racial/étnica que persiste nas hierarquias contemporâneas e influencia a produção de conhecimento e cultura; essa abordagem é importante para entender como a literatura pode contestar e reconfigurar as narrativas urbanas que frequentemente perpetuam essas hierarquias.

Desafiar as narrativas dominantes que simplificam essas realidades é imperativo, propondo uma releitura das histórias urbanas a partir de vozes frequentemente marginalizadas. Aqui, a literatura desempenha um papel fundamental, expondo as dinâmicas de poder, colonização e a luta pela autonomia cultural e política nesses contextos urbanos.

Com o destaque dado pela literatura às cidades, o compromisso social da escrita ganha força. Nas décadas de 1920 e 1930, com o modernismo literário, experimenta-se o auge do engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Segundo Antonio Candido (2000, p. 182), “mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência

clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período”. Mais recentemente, a literatura decolonizante valorizada em nível mundial e brasileira, tem-se uma narrativa que descreve nossa cidade contemporânea, mas igualmente, evidencia problemas sociais, de uma cidade sabidamente dual. Obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, por exemplo, tem servido, recorrentemente, como fonte alternativa para entendermos nossas cidades (Ultramari; Jazar, 2021; Tremba, 2020).

Nesse sentido, deve-se reconhecer as epistemologias marginalizadas que contribuem para a compreensão do espaço urbano. A literatura é um veículo poderoso para dar voz às experiências das periferias urbanas, abordando questões de gênero, etnia e classe. Esses textos desconstruem narrativas hegemônicas e revelam como as culturas urbanas são vividas e reinterpretadas por seus habitantes, frequentemente contrapondo-se aos discursos dominantes de planejamento urbano e desenvolvimento.

A compreensão da sociedade, e em particular da cidade — nosso foco principal neste artigo —, é essencial para entendermos também a literatura. E também utilizamos as narrativas literárias como uma ferramenta complementar para decifrar a complexidade urbana. De fato, a literatura como forma de expressão da arte é um sistema cultural que só pode ser compreendida quando considerado o contexto em que é produzida, por meio uma “análise política, estética, histórica ou sociológica” (Geertz, [1997] 2004, p. 271). Essa ideia reforça a defesa de Eco ([1962] 2016) sobre uma obra de arte não ter valor absoluto, podendo variar de significado segundo o contexto histórico em que se realiza.

Esta variabilidade se manifesta especialmente quando a literatura borda as falhas do planejamento urbano e regional que frequentemente ignoram as complexidades das cidades do Sul Global. As políticas nessas regiões tendem a ser marcadas por uma homogeneização que desconsidera sua diversidade cultural e social. A análise literária, ao capturar essas dinâmicas, incentiva um planejamento mais inclusivo e consciente das nuances locais. Isso sublinha a necessidade de abordagens mais participativas e sensíveis às especificidades culturais e históricas nas políticas urbanas.

MEMÓRIA-NARRATIVA-HISTÓRIA

Exploramos aqui a tapeçaria complexa das cidades através da literatura, focando em como as narrativas literárias entrelaçam memória, história e narrativa para construir representações urbanas. A “memória” refere-se às recordações pessoais e coletivas que formam a essência da identidade urbana; a “história” abrange os eventos documentados e os contextos sociais que moldam a cidade ao longo do tempo; a “narrativa”, por sua vez, é a articulação dessas memórias e histórias dentro da literatura, proporcionando uma interpretação subjetiva e muitas vezes crítica do espaço urbano. Juntos, esses elementos permitem uma compreensão das dinâmicas urbanas e das formas como são percebidas e descritas pelos escritores.

A literatura dá pistas sobre o contexto histórico e cultural em que foi escrita e, mais do que isso, permite compreender qual a influência desse contexto. Nessa articulação de memória-narrativa-história, podemos afirmar que a cidade narrada jamais será uma cópia fiel da cidade concreta, e parece relevante compreender de que forma e por quais motivos essa distorção da realidade ocorre. O elemento inicial da análise passa então a ser o contexto do escritor e o papel que ele ocupa – ou opta – no momento da escrita.

Reconhecendo a complexidade dessa distorção entre a cidade real e a cidade narrada, consideramos importante ampliar nossa abordagem analítica. Portanto, ao estender nossa investigação para as cidades do Sul Global, adotamos uma metodologia interdisciplinar que atravessa história, sociologia, antropologia e estudos culturais. Esta abordagem é enriquecida pelas teorias decoloniais e pós-coloniais, que criticam as narrativas convencionais ao revelar como essas tendem a marginalizar certas histórias e perspectivas. Essas teorias nos proporcionam uma ferramenta para uma releitura crítica do espaço urbano, tratado aqui como um campo de disputas simbólicas e políticas.

Ao explorar o papel da literatura na gestão urbana contemporânea, reconhecemos que ela não somente descreve observações e entendimentos do ponto de vista do autor, mas acaba refletindo a concretude das cidades. A literatura valoriza a percepção de como as políticas, intervenções e serviços públicos são vistos e avaliados pelos cidadãos. Essa prática enfatiza que a escrita é carregada de ideologia e intencionalidade, sendo um meio parcial que visa transmitir ideias e posicionamentos. A intencionalidade, manifestada aberta ou sutilmente, revela tanto o autor quanto sua interpretação da realidade, projetando significados e relevâncias da cidade. Neste contexto, o “lugar de fala” do autor define o tom de sua representação urbana.

A literatura engajada, conforme descrito por Jean-Paul Sartre ([1948] 2004, p. 20), assume que “a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo [...]”. Sartre enfatiza que desvendar é mudar e que só se pode revelar intencionando mudar. Esse conceito ressalta a importância da literatura como uma voz dissonante e contestadora frente a verdades estabelecidas, tornando-se assim uma fonte complementar relevante para compreendermos e debatermos a cidade.

Analisamos como escritores do Sul Global refletem e criticam os desafios do planejamento urbano e regional. Examinamos textos literários que ilustram os conflitos decorrentes das políticas urbanas e como estas políticas afetam a vida cotidiana dos habitantes. A literatura, assim, se apresenta como uma ferramenta para questionar e repensar as práticas de planejamento urbano, valorizando os saberes locais e as estratégias de resistência cultural.

Na literatura brasileira, autores como Euclides da Cunha e Rachel de Queiroz usaram suas obras para escancarar conflitos sociais e dificuldades regionais. Euclides da Cunha, em seu romance “Os Sertões” (1902), aborda a vida do sertanejo e a Guerra de Canudos, enquanto Rachel de Queiroz, em “O Quinze” (1930), retrata o sofrimento dos retirantes nordestinos durante a grande seca de 1915. Ambas as obras são profundamente enraizadas no contexto

do Nordeste brasileiro, dialogando com temas como o coronelismo e o fatalismo diante de adversidades, similarmente à "Vidas Secas" (1938), de Graciliano Ramos.

Para além do engajamento expresso nas obras literárias, alguns autores também se posicionaram social e politicamente através de ações e escritas não literárias. Esse engajamento pode ser formal, como no caso de escritores que ocuparam cargos políticos ou administrativos. Entre eles, José de Alencar, que foi chefe da Secretaria do Ministério da Justiça e ministro; Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, que atuaram no serviço público; Jorge Amado, que foi deputado federal; e José Sarney, que ocupou diversos cargos políticos. Graciliano Ramos, por exemplo, além de sua obra literária, produziu relatórios anuais ao governador do estado de Alagoas, refletindo a integração entre suas preocupações literárias e administrativas; é possível apontar pontos de convergência entre "o literato" e "o gestor" nesse caso (Jazar, 2015; Aguiar, 2013; Moraes, 2012; 2015).

Outros escritores latino-americanos, como Monteiro Lobato, Ferreira Gullar, Chico Buarque de Hollanda, Oswald de Andrade, Pablo Neruda, Eduardo Galeano, Julio Cortázar, Mario Benedetti e Ricardo Piglia — entre outros tantos nomes —, manifestaram-se de modo informal, isto é, sem ocupar cargos públicos. Suas obras permitem que os leitores infiram sobre suas posições políticas e sociais através de pistas sutis apresentadas em suas narrativas. Este tipo de engajamento literário é indireto e depende da interpretação do leitor para ser plenamente compreendido, ilustrando a rica interação entre literatura e vida urbana e política. Por exemplo, a recusa do contista curitibano Dalton Trevisan em se posicionar-se explicitamente frente às mudanças que vivenciou na sua cidade, o faz um exemplo importante de autor "apropriado" (Jazar, 2020).

A intenção do texto, segundo Eco ([1993] 2005, p. 75), é produzida para um leitor capaz de fazer conjecturas sobre esse texto, indo além da palavra. Santos (2007, p. 97) complementa que "o texto postula uma competência gramatical por parte do destinatário". O leitor-modelo de Eco imagina um autor ideal que, no fim, coincide com a intenção do texto. Essa perspectiva é basilar quando consideramos como a literatura pode refletir e moldar a experiência urbana (Eco, [1990] 2018; [1983] 2011).

Apesar de nem toda obra literária estar diretamente voltada à descrição ou gestão do espaço urbano, a literatura pode nos ajudar a compreender elementos da vida urbana que influenciam a apropriação de ideias e ideologias em práticas administrativas e governamentais. A partir dessa visão literária e historiográfica, mas com foco na cidade, reconhecemos a materialidade urbana traduzida nos textos literários. Através da evocação de conflitos, acontecimentos e protagonistas urbanos, que nem sempre são destacados na história oficial, o intelectual engajado posiciona-se criticamente em relação à realidade urbana ao retratar temas como violência, solidão e falta de valores morais, enquanto o leitor ressignifica essas informações num novo contexto, a partir de suas próprias experiências e idealizações.

O próximo item discute como a literatura é capaz de refletir sobre a urbanização desigual que afeta a vivência nos espaços urbanos, explorando as formas pelas quais historicamente as cidades se estruturam através de políticas excludentes que marginalizam determinados grupos enquanto privilegiam outros.

REPRESENTAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E APROPRIAÇÃO

Se a cidade narrada não é igual à cidade concreta, tampouco é idêntica à cidade interpretada. Nesse sentido, Gomes (1994, p. 24) aponta que "o texto é o relato sensível das formas de ver a cidade; não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, [...] tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas". Como discutido anteriormente, para entender o texto literário como registro e materialização de fragmentos da história urbana é necessário explorar os fatores que diferenciam o narrado do interpretado e identificar aspectos da narrativa que podem ser apropriados em relação ao espaço urbano.

Essa argumentação se apoia em teorias e autores do campo da literatura e da história, ilustrando como a circulação interdisciplinar de ideias permite que conceitos "apócrifos" enriqueçam o debate sobre as cidades. "Os Sertões" de Euclides da Cunha e "O Quinze" de Rachel de Queiroz são exemplos emblemáticos nesse sentido.

A obra de Euclides não se limita a descrever a Guerra de Canudos; ela usa a paisagem do sertão baiano como uma metáfora do isolamento e da resistência cultural. Ao retratar o sertão como um "deserto", Euclides não apenas se refere à sua aridez física, mas também como um símbolo de abandono e esquecimento pelas instituições científicas e políticas. Sua narrativa documenta o conflito e critica a brutalidade militar e a visão centralizadora do governo, revelando como o sertão se torna um palco de conflitos culturais e sociais que desafiam as narrativas de progresso e modernização (Ventura, 1998).

Por sua vez, "O Quinze" capta a devastação da seca de 1915 no Nordeste brasileiro, com foco no impacto humano e social dessa catástrofe natural. Rachel de Queiroz destaca o êxodo rural e as condições desumanas dos campos de concentração criados como uma solução falha do governo. Através de personagens e situações que refletem a realidade de muitos nordestinos, a autora explora as falhas estruturais de uma sociedade que marginaliza seus cidadãos em tempos de crise, ressaltando a resiliência e a luta diária de um povo frequentemente esquecido nas narrativas de desenvolvimento nacional (Câmara; Câmara, 2015).

Ambas as obras transcendem o registro histórico e literário, funcionando como ferramentas de crítica social. A narrativa literária, carregada de ideologia, reflete um espaço em que os interesses políticos e sociais se entrelaçam com o cotidiano das personagens. O realismo dessas obras se aproxima de uma tentativa de condensar a experiência vivida e transformar a percepção da realidade. Assim, a cidade ou o sertão são retratados como campos de disputa, onde a história e a modernidade colidem em um processo contínuo de apropriação e

reinterpretação. A verossimilhança nas representações literárias, ao se aproximar do discurso histórico, confunde o verdadeiro com o plausível, tornando-se um processo complexo que depende de como o entorno é apropriado pela linguagem para se tornar inteligível (Aínsa, 2003; 2007; Pesavento, 2007; 2004; 1999).

O debate sobre a representação literária das cidades só é possível a partir do entendimento de que a literatura condensa e alegoriza a realidade, filtrando-a através de mecanismos que transformam a percepção do real e estabelecem uma comunicação intrínseca entre o sensível e o tangível. Portanto, a linguagem literária vai além da mera transmissão de informações, atuando como uma síntese de análises que revelam as relações humanas em suas dimensões individuais e sociais.

NARRATIVAS DE EXCLUSÃO E RESILIÊNCIA

"Os Sertões", sem dúvidas, expõe as tensões e contradições da urbanização no Brasil. A crítica à modernização, que Euclides aborda, se revela ainda mais quando o massacre de Canudos se apresenta, para além de um conflito armado, como uma tentativa de subjugação de um povo que não se encaixa nos ideais urbanos promovidos pelo governo central. O sertão, neste contexto, transforma-se numa representação de resistência cultural.

A dicotomia sertão-cidade é um tema recorrente na obra; o sertão como "terra ignota", reflete um espaço desconhecido e esquecido, revelando a exclusão sistemática de uma região e de seu povo. O olhar "modernizador" do Estado, por sua vez, é questionado em sua eficácia e ética, frequentemente optando por uma política de assimilação forçada. Essa abordagem é evidente na maneira como o governo central responde ao que percebe como insubordinação, utilizando-se de força desproporcional em uma tentativa de erradicar qualquer vestígio de autonomia e resistência cultural local (Ventura, 1998; Pimentel, 2010).

A obra de Euclides da Cunha representa uma crítica ao modelo que privilegia a urbanização a partir da perda de identidades culturais, particularmente nas regiões amazônica e sertaneja, descritas metaforicamente como "desertos". Ao expor a violência e as falhas na abordagem do governo durante o conflito de Canudos, Euclides desafia o paradigma de progresso e apela para um reconhecimento das realidades regionais brasileiras como fundamentais, e não como obstáculos ao desenvolvimento.

Rachel de Queiroz, em "O Quinze", apresenta uma narrativa mais íntima e pessoal, focalizando na seca de 1915 que devastou o Nordeste brasileiro, explorando temas como exclusão social, migração forçada e a busca por sobrevivência em um ambiente urbano não acolhedor. A autora traz uma visão mais próxima da vivência cotidiana dos sertanejos. Sua obra foca na devastação provocada pela seca e nos deslocamentos forçados que levam essas populações a buscarem refúgio nas cidades, que por sua vez, não estavam preparadas para recebê-las (Câmara; Câmara, 2015; Haiduke, 2008).

A narrativa de Queiroz aponta para um êxodo constante, onde o sertanejo é duplamente marginalizado — tanto no campo que o expulsa, quanto na cidade que o rejeita. Ao contrário do sertão mítico e distante de Euclides, Rachel trata da crise humanitária de forma mais direta, expondo as falhas de uma política urbana que exclui os migrantes rurais (Haiduke, 2008). A ambientação de seu romance transita exatamente nesta forma de viagem pessoal, sempre entre o sertão e Fortaleza. Como ela mesma afirma, a construção de seus romances está parcialmente ligada as suas experiências da infância, como também ao seu conhecimento da memória popular transmitida através de histórias contadas pelos sertanejos, o que ela chama de “memória da seca”:

Eu nasci no final de 10, quer dizer, ainda tinha quatro anos na seca de 1915. Mas me lembrava de muita coisa, principalmente de quando ia a Fortaleza com minhas tias aos chamados “campos de concentração”, que naquela época não tinha, é claro, o sentido que adquiriu depois do nazismo; eram terrenos fechados debaixo de uma mata de cajueiro onde se recolhiam as famílias vitimadas pela seca para receber socorro, comida, roupa. Fiquei com aquilo gravado na cabeça; além do mais, há evidentemente no sertão relatos contínuos da tragédia das secas. Existe no Nordeste uma memória da seca; ela é, de fato, a presença mais constante (Queiroz, 1997, p. 22).

Este contexto reflete problemas mais amplos do período, onde os migrantes rurais enfrentam a marginalização tanto no campo quanto na cidade, configurando uma crise humanitária com raízes profundas nas políticas urbanas e sociais. Ao analisar a exclusão e resiliência em “O Quinze”, é relevante destacar a ambientação do romance acompanhada de uma crítica a essas políticas públicas inadequadas, que intensificam o sofrimento dos sertanejos, apontando para uma realidade em construção que não acompanha as necessidades de sua população mais vulnerável. Assim, a autora traz à tona discussões sobre identidade, pertencimento e resiliência identitária, explorando como os personagens lidam com a perda e a busca por novos começos em cenários hostis (Câmara; Câmara, 2015).

Essas duas obras criam, como vemos, uma ponte entre o espaço real e o simbólico. Se Euclides da Cunha analisa o sertão como um deserto de resistência e exclusão, Rachel de Queiroz oferece uma visão mais íntima das vidas afetadas pela marginalização estrutural. Ambos os autores colocam o sertão no centro de suas narrativas, não como um espaço de atraso, mas como um território que revela as falhas das políticas de modernização. A seca, a fome e o abandono são os cenários que moldam a experiência sertaneja, tornando esses textos literários uma poderosa crítica às desigualdades regionais e às dinâmicas de poder no Brasil.

A partir dessas análises, torna-se claro que o espaço literário não é apenas uma representação do mundo físico, mas uma recriação do espaço social e simbólico. A literatura de Euclides da Cunha e Rachel de Queiroz amplia as discussões sobre urbanização e desenvolvimento, revelando que as cidades e os sertões são, na verdade, territórios de disputa e negociação entre o poder central e as vozes marginalizadas. Ao adotar essa

perspectiva, ambas as narrativas expõem a exclusão e o sofrimento, mas também a resiliência dos personagens que habitam esses espaços.

CONCLUSÕES

Ao longo deste artigo, exploramos como a literatura, ao entrelaçar as cidades com narrativas, revela mais do que cenários; ela reflete complexidades sociais, políticas e filosóficas, proporcionando um entendimento da urbanidade, particularmente abordando o cenário brasileiro. A produção literária é um processo que simultaneamente engloba dimensões individuais e sociais, onde o texto transcende sua forma para assumir um discurso carregado das dimensões do enunciador, do enunciado e do enunciatário (Ribeiro, 2000).

Esta análise é especialmente pertinente nos contextos urbanos em que a cidade, a história e a cultura são espaços de disputa política e simbólica. A literatura, assim, ao reinterpretar essas realidades, oferece uma crítica ao processo de urbanização que frequentemente marginaliza vozes não hegemônicas. Ao recontar as histórias das cidades, a obra literária reescreve verdades tidas como consolidadas e contribui para uma historiografia mais plural, reconhecendo a diversidade cultural, inclusive das periferias urbanas e regionais.

Um(a) autor(a), como principal agente deste processo, para além de meramente absorver as informações relativas à cidade, as interpreta e transmite sua experiência urbana por meio de narrativas que, embora ancoradas em realidades concretas, são transmutadas pela ficção (Alves; Queiroz, 2013). Esta transformação é moldada pelas intenções do autor e pelas variadas interpretações dos leitores ao longo do tempo, refletindo a incompletude da escrita que convoca a colaboração ativa do destinatário — o leitor (Eco, [1962] 2016).

A complexidade do texto literário, entremeada pelo não-dito, desafia esse leitor a ativar o conteúdo latente na superfície da escrita, revelando camadas de significado que transcendem a expressão literal e refletem tensões raciais, étnicas e de gênero (Santos, 2007). Também esse processo de leitura não é neutro; é profundamente subjetivo e moldado pelo contexto sociocultural do leitor, que ressignifica o encontro entre realidade e ficção.

Na historiografia urbana do Sul Global, a cidade literária, embora possa ser apropriada por políticos para reforçar narrativas convenientes ou por gestores como crítica à administração urbana, sempre mantém uma distância intrínseca da cidade real sobre a qual se discursa. A representação literária das cidades, então, envolve jogos de significação que atribuem sentido à experiência urbana. A realidade, assimilada e rearticulada pelo autor, é codificada na linguagem literária e decodificada pelo leitor, culminando em um processo de comunicação que é tanto revelador quanto construtivo.

Portanto, concluímos que a literatura não apenas reflete, mas também molda nossa percepção das cidades, atuando como um espelho crítico e como uma ferramenta para a ressignificação e a contestação das realidades urbanas. Ao adotar esta perspectiva crítica, o estudo literário das cidades no Sul Global revela-se relevante e instigante na trajetória para

compreender as dinâmicas urbanas e as vidas que elas englobam, desafiando processos de homogeneização cultural e contribuindo para um planejamento urbano e regional que reconhece e valoriza os saberes locais, enfrentando as desigualdades interseccionais sob uma perspectiva histórica.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, F. *La naturaleza se transforma en paisaje en la narrativa latinoamericana (entrevista con Fernando Aínsa)*. **Literatura**. resonancias.org. ISSN 1961-974X. fev. 2007. Disponível em: <<http://www.resonancias.org/content/read/635/del-topos-al-logos-propuestas-de-geopoetica-introduccion-por-fernando-ainsa/>>. Acesso em: 17 nov. 2024.

AÍNSA, F. **Reescribir el pasado** (*Historia y ficción en América Latina*). Centro de Estudios Latinoamericanos Rómulo Gallego, 2003. p. 190.

AGUIAR, Moisés de. Apresentação. In: RAMOS, Graciliano. **Relatórios de Graciliano Ramos publicados no Diário Oficial**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, p. 9-10, 2013.

CÂMARA, Y. M. R.; CÂMARA, Y. R. Campos de concentração no Ceará: uma realidade retratada por Rachel de Queiroz em *O Quinze* (1930). **Entrelaces**, Ano V, nº 06, jul.-dez. 2015, p. 172. ISSN 1980-4571.

CANDIDO, A. A revolução de 30 e a cultura. In: CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 2000. p. 181-198.

CUNHA, E. (1902). **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ECO, U. (1993). **Interpretação e superinterpretação**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 207

ECO, U. (1990). **Os limites da interpretação**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

ECO, U. (1983). **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ECO, U. (1962). **Obra aberta**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

GEERTZ, C. (1997). **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, 366 p.

GOMES, R. C.. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. **Ipotesi: revista de estudos literários**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, 1999, p. 19- 30. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/12/A-CIDADE-A-LITERATURA-E-OS-ESTUDOS1.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2024.

GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HAI DUKE, A. A. **Chão Partido**: Conceitos de espaço nos romances O quinze de Rachel de Queiroz e A bagaceira de José Américo de Almeida. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

JAZAR, M. M. **Curitiba perdida e Buenos Aires ausente**: a apropriação da literatura de Dalton Trevisan e Ricardo Piglia por discursos da gestão urbana. f. 239. 2020. Tese (Doutorado em Gestão Urbana). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

JAZAR, M. M. **Uni e transtemporalidade na transferência de ideias sobre a cidade**: um diálogo sobre a gestão urbana e a obra literária de Graciliano Ramos. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2015.

MORAES, D. de. **O Velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012.

MORAES, D. de. Graciliano, prefeito revolucionário. **Blog da Boitempo**, 31 out. 2012. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2012/10/31/graciliano-prefeito-revolucionario/>>. Acesso em: 17 nov. 2024.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 nov. 2024. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000100002>.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

PIMENTEL, Talita Cristina. **A nação e seus outros: uma leitura subalterna de Os Sertões de Euclides da Cunha**. 2011. 79 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

QUEIROZ, R. de. (1930). **O Quinze**. São Paulo: José Olympio, 1972.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber**: Eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAMOS, G. (1938). **Vidas Secas**. 135. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, G. T. O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação. **Kalíope**, São Paulo, ano 3, n. 2, 2007, p. 94-111. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kaliope/article/view/3744/2444>>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SARTRE, J. P. (1948). **Que é literatura?** 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

TREMBIA, G. B. C. **O espaço urbano em Carolina Maria de Jesus**: o eterno retorno ao Quarto de despejo e a casa de alvenaria. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/24833>. Acesso em: 17 nov. 2024.

ULTRAMARI, C. ; JAZAR, M. M. O direito à cidade em dois cenários literários brasileiros: Quarto de Despejo e Becos da Memória. **Revista de Direito da Cidade**, v. 13, p. 1126-1144, 2021.

VENTURA, R. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, v. 5, supl., jul. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701998000400008>. Acesso em: 17 nov. 2024.